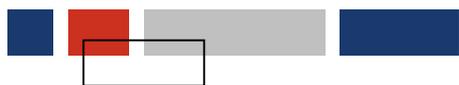




INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

RETRATO TERRITORIAL DE PORTUGAL

- EDIÇÃO 2017 -



Reunião conjunta SPEBT e SPEE - CSE

11 dezembro 2017

RETRATO TERRITORIAL DE PORTUGAL

Publicação bienal de cariz analítico que visa valorizar a informação estatística de base territorial disponibilizada pelo SEN

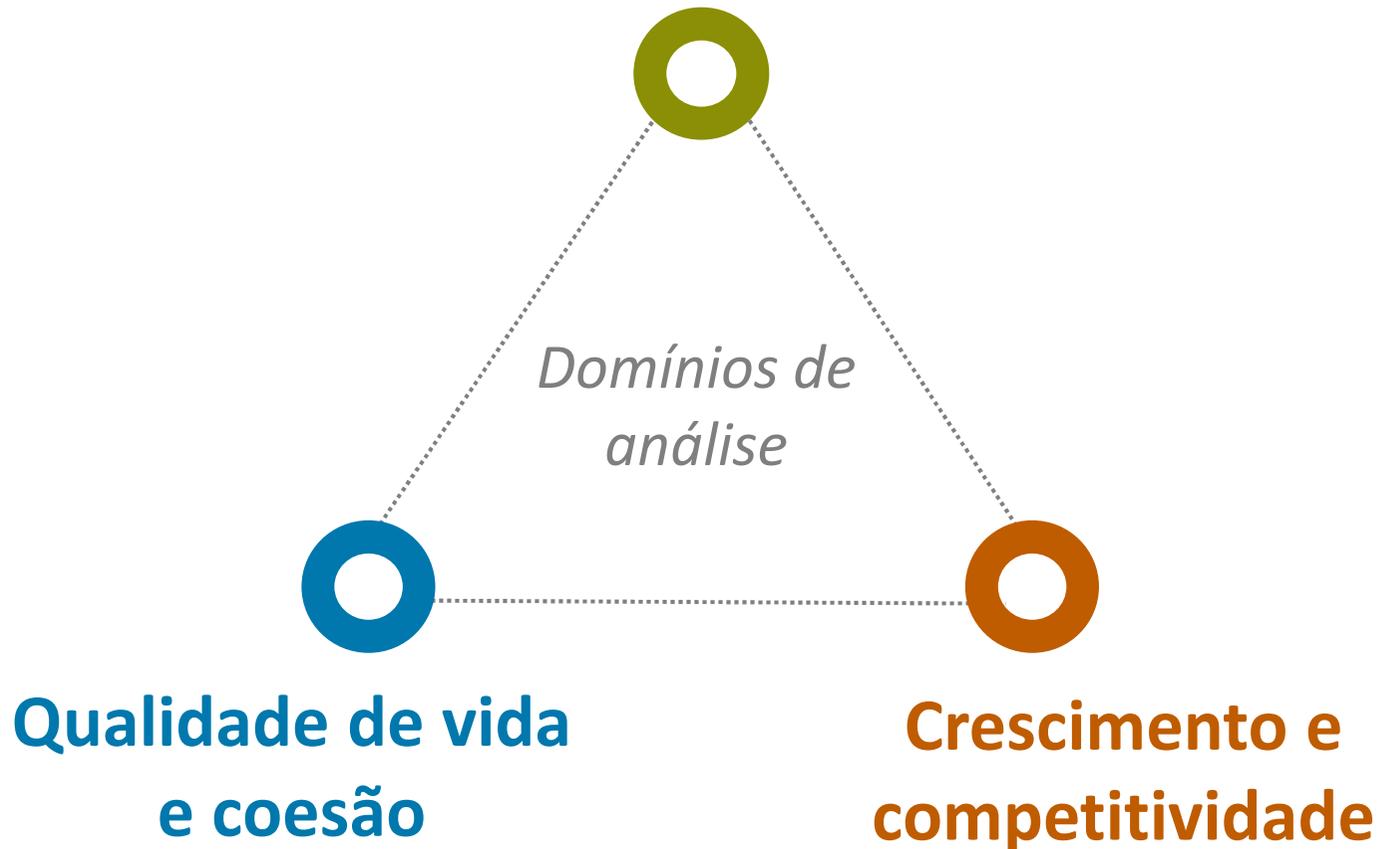
Privilegia as fontes estatísticas associadas aos AER, recorrendo a comparações temporais de forma a captar trajetórias estruturais que diferenciam os territórios

Procura problematizar as temáticas do ponto de vista territorial e inclui a operacionalização de novos indicadores → AER

Estruturada em três domínios de análise que visam explorar temáticas com relevância territorial

RETRATO TERRITORIAL DE PORTUGAL

Qualificação territorial



RTP - EDIÇÃO 2017



Informação disponível mais atualizada

Adoção de um formato digital com uma edição interativa em complemento ao formato pdf e aos ficheiros Excel de apoio

Acesso mais direto à informação → ligações aos indicadores no portal INE e Eurostat

Introdução de títulos com principais resultados a destacar ao longo da análise

Possibilidade de apresentação dos conteúdos da publicação em *html* (e.g., *Statistics Explained*) e possibilidade de articulação com as ferramentas de interface gráfica no portal do INE (gráficos e mapas temáticos)

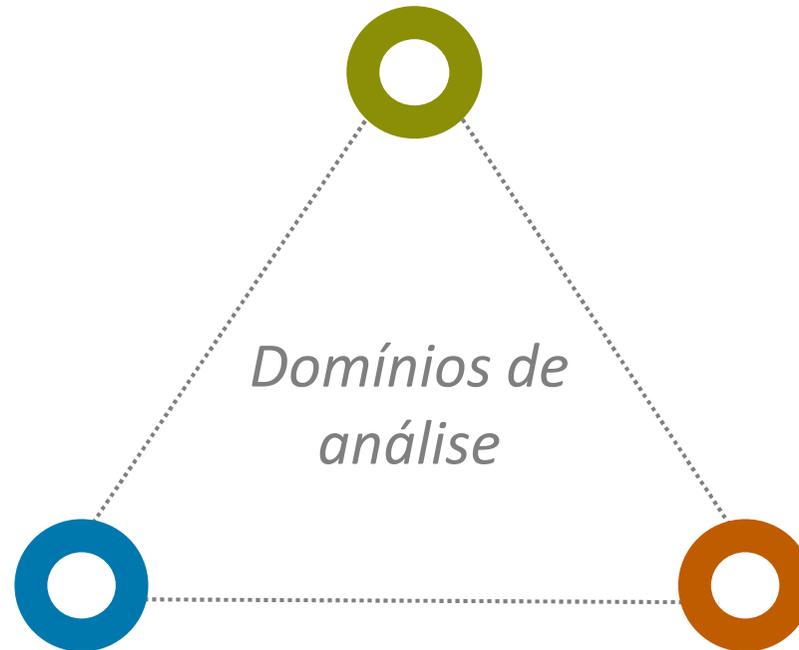


REFORMULAÇÃO DO PORTAL DO INE

ACOMPANHAR OS DESENVOLVIMENTOS DE NOVAS APLICAÇÕES, EM ESPECIAL A COMPONENTE GEOGRÁFICA NA ORGANIZAÇÃO E VISUALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

RETRATO TERRITORIAL DE PORTUGAL

**A diferenciação territorial
do turismo**



**A sustentabilidade
demográfica dos
territórios**

**A competitividade e a
inovação nas regiões
portuguesas**

Qualidade de vida e coesão

A sustentabilidade demográfica dos territórios

A sustentabilidade demográfica dos territórios

- A composição e as dinâmicas populacionais constituem elementos fundamentais para a definição e implementação de políticas de índole económica, social e cultural
- A CE salienta a importância de ter em conta a evolução da população nos diferentes territórios para a definição orientada de estratégias prioritárias de investimento
- Portugal tem vindo a registar um progressivo envelhecimento da população e uma capacidade endógena de renovação geracional comprometida



baixos níveis de fecundidade e uma menor capacidade de atração de recursos populacionais do exterior suficientes para colmatar os movimentos de saída

A análise centra-se...

Nas assimetrias estruturais de ocupação do país e nos estádios diferenciados que os territórios enfrentam face aos desafios do envelhecimento e da renovação da população

Principais fontes: Estimativas Anuais de População Residente, Indicadores Demográficos e SEF

As assimetrias territoriais da evolução da população

A concentração populacional e o despovoamento

As componentes do crescimento da população

O envelhecimento e a (in)capacidade de renovação demográfica dos territórios

O duplo envelhecimento populacional

A renovação da população

Os padrões territoriais de fecundidade e o papel da população estrangeira

O declínio e o adiamento da fecundidade

O contributo demográfico da população estrangeira

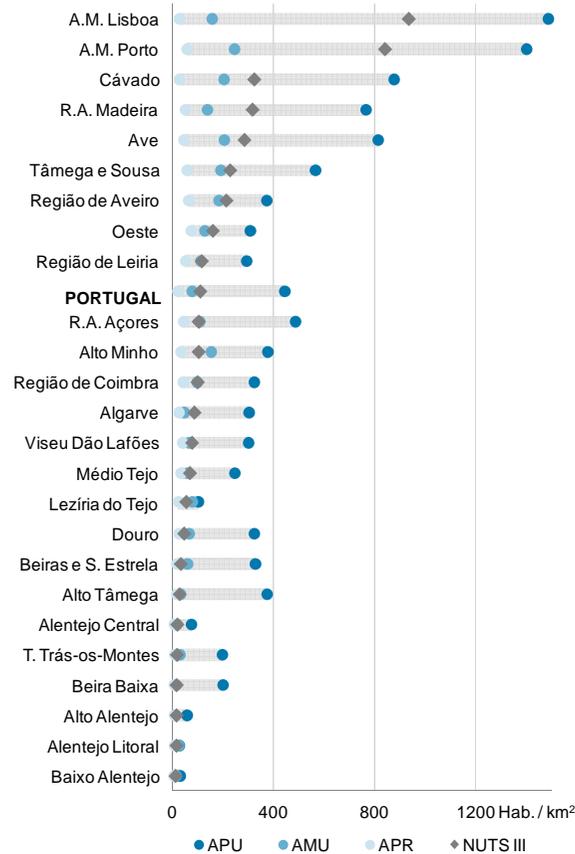
Num contexto de maior concentração da população no Litoral, e em especial nas áreas metropolitanas, por oposição ao Interior do Continente



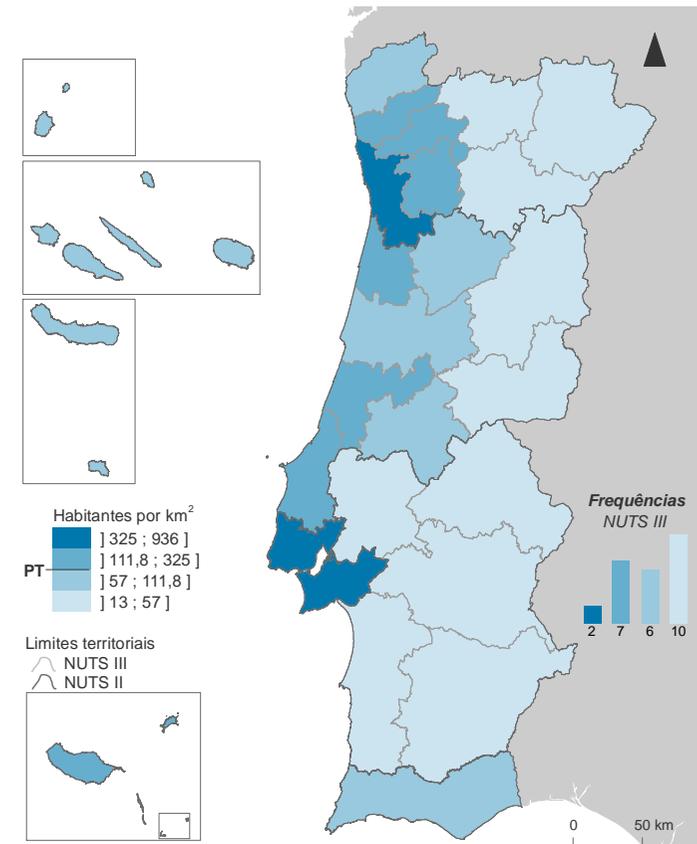
A densidade populacional em territórios predominantemente urbanos era 19 vezes superior à verificada em áreas rurais

Densidade populacional segundo a Tipologia de áreas urbanas, Portugal e NUTS III, 2016

Tipologia de áreas urbanas



NUTS III



A densidade populacional em APU era superior a 250 hab./km² em 17 das 25 NUTS III

Áreas metropolitanas, Cávado, Ave, Tâmega e Sousa e as regiões autónomas apresentavam assimetrias entre APU e APR superiores ao valor médio nacional

Fonte: INE, I.P., Estimativas Anuais da População Residente. MA-DGT, Carta Administrativa Oficial de Portugal – CAOP.

Entre 2011 e 2016, apenas 34 municípios registaram uma evolução positiva da população, e destes, 15 em resultado de taxas de crescimento natural e migratório positivas

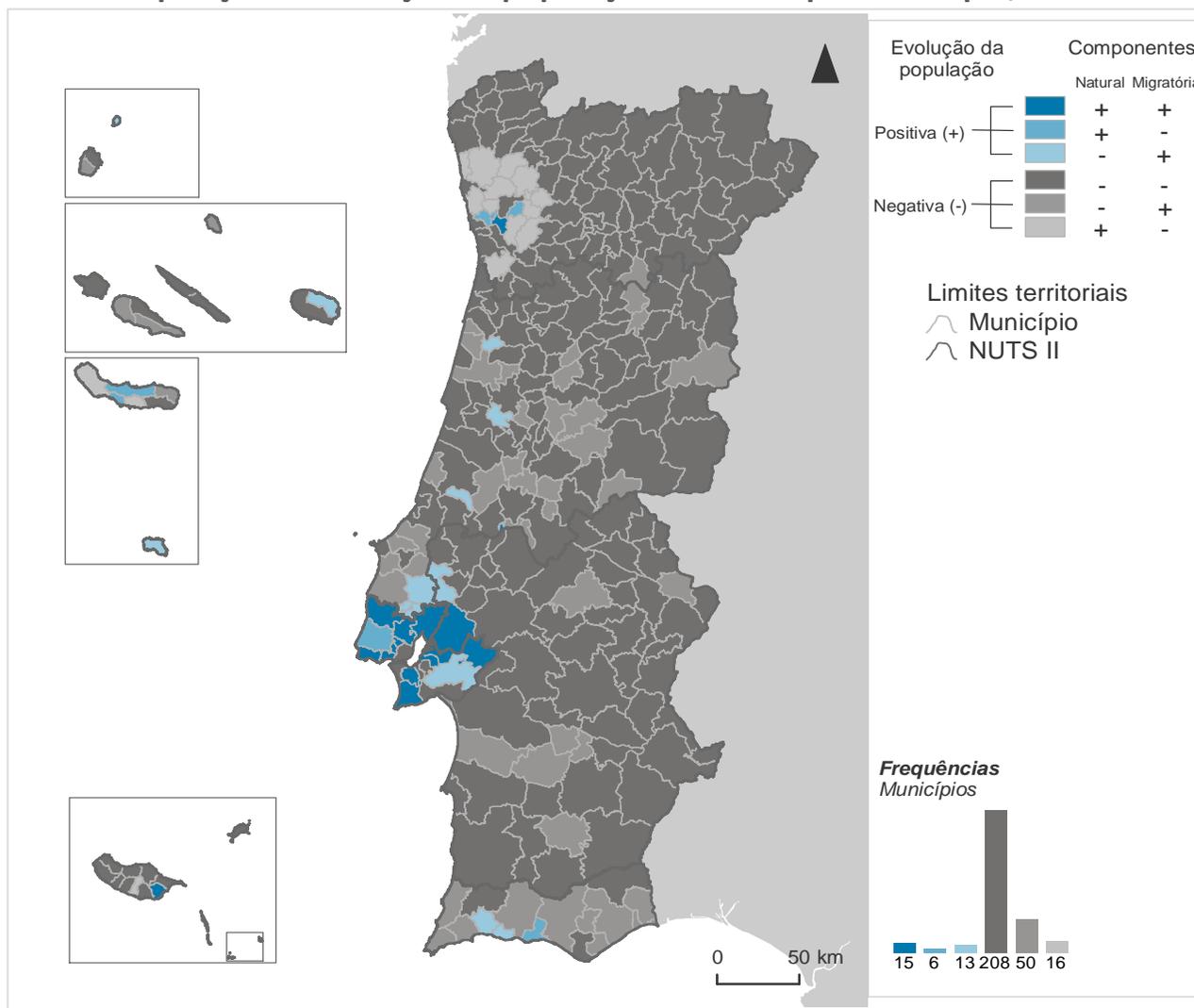
Taxa de crescimento anual médio (-0,45%), oscilando entre 0,001% (Lagoa, Algarve) e de 1,42% (Arruda dos Vinhos, Oeste)

Em 6 municípios o crescimento efetivo positivo ficou a dever-se à componente natural (Albufeira, Maia, P. Ferreira, Sintra, Lagoa e Ribeira Grande)

Em 13 municípios o crescimento efetivo positivo resultou de saldo migratórios positivos

Em 274 municípios registou-se uma diminuição da população – variando entre -0,002% (Vila Real de Santo António) e -3,12% (Alcoutim)

Decomposição da evolução da população residente por município, 2011-2016



Fonte: INE, I.P., Estimativas Anuais da População Residente.

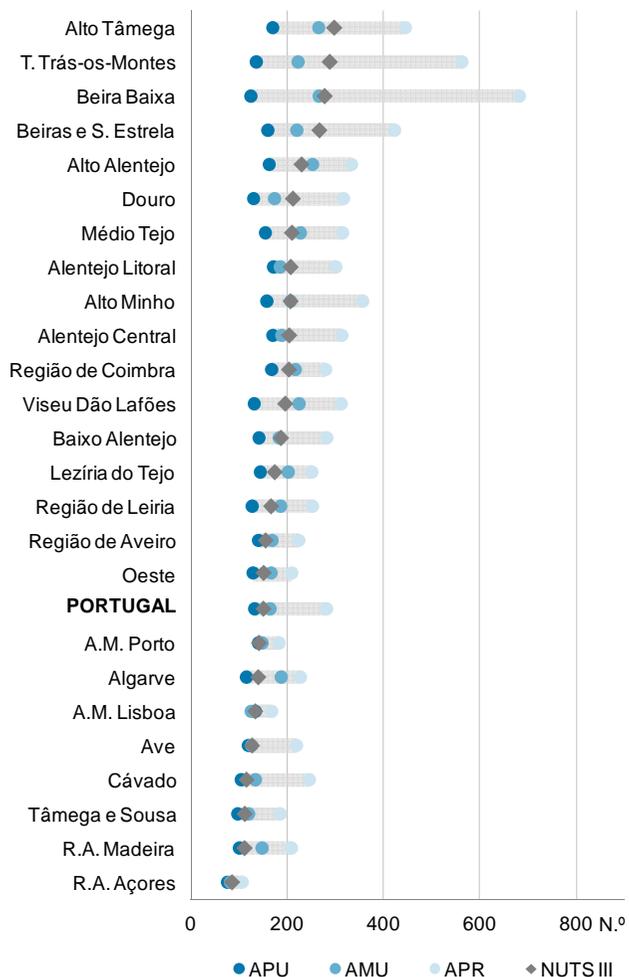
O índice de envelhecimento era mais elevado nos territórios rurais do que nos territórios urbanos



282 idosos por cada em 100 jovens nas APR face a 132 nas APU e 165 nas AMU

Índice de envelhecimento segundo a Tipologia de áreas urbanas, Portugal e NUTS III, 2016

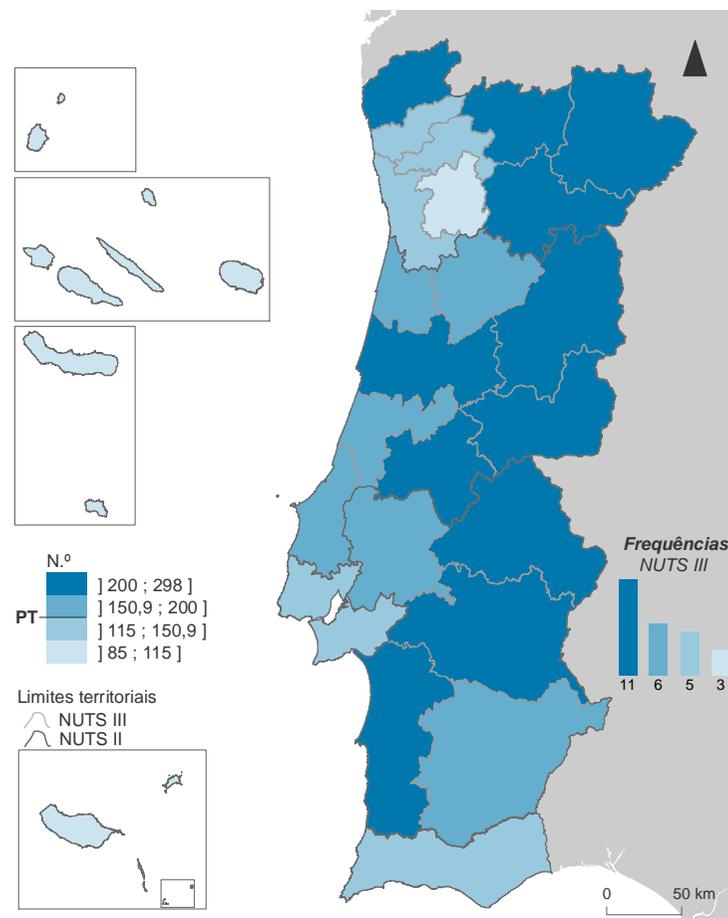
Tipologia de áreas urbanas



Esta assimetria era mais acentuada nas sub-regiões Beira Baixa, Terras de Trás-os-Montes, Alto Tâmega e Beiras e Serra da Estrela

A R.A. Açores e as áreas metropolitanas apresentavam a menor diferença entre territórios urbanos e rurais

NUTS III



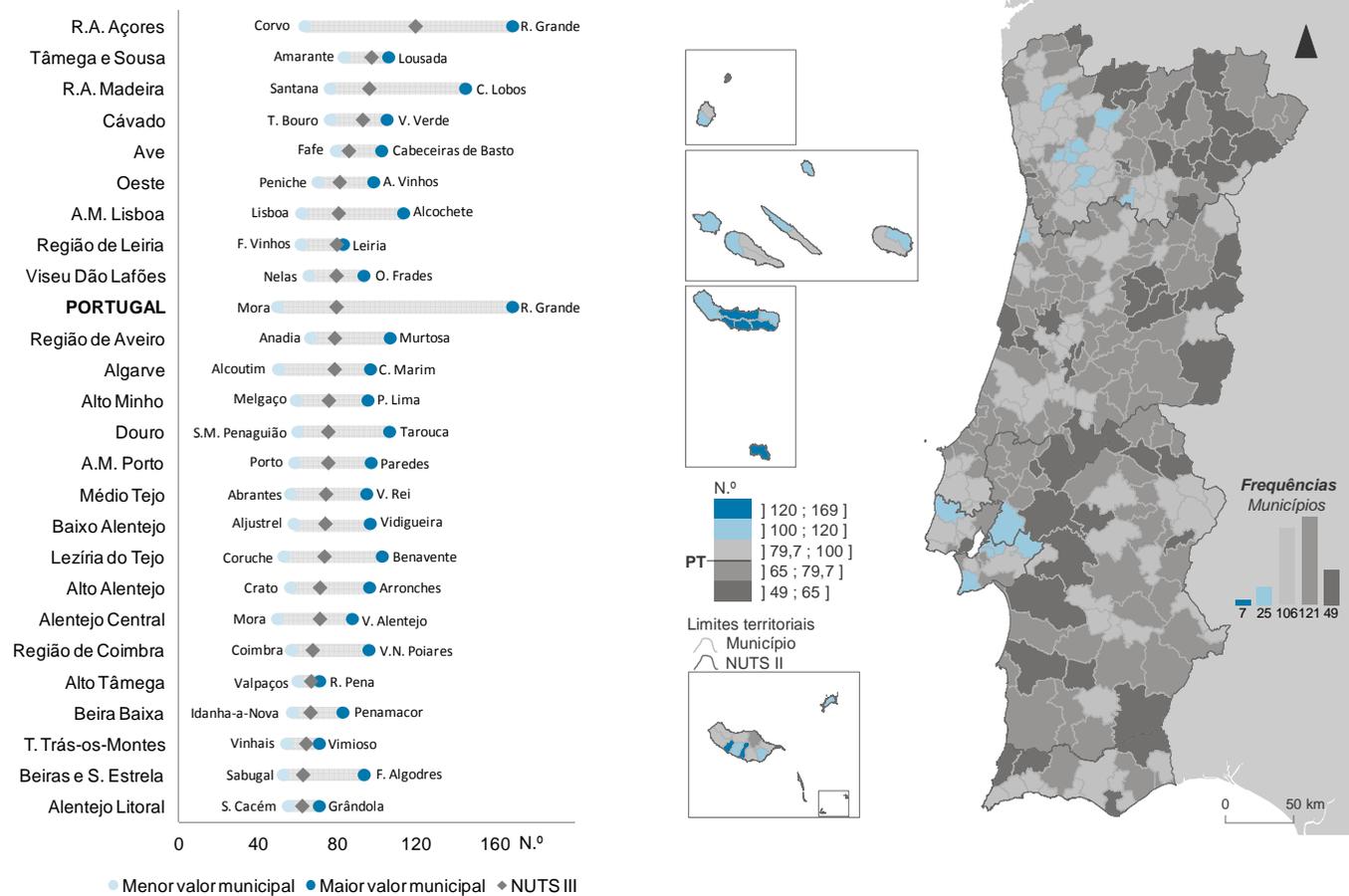
Fonte: INE, I.P., Estimativas Anuais da População Residente.

Em 2016, em apenas 32 dos 308 municípios portugueses o número de pessoas com idade potencial de saída (55-64 anos) do mercado de trabalho era compensado pelo número de pessoas em idade potencial de entrada (20-29 anos)

Os valores mais elevados verificavam-se sobretudo nas regiões autónomas e, em particular, na R.A. Açores

No Continente identifica-se um conjunto de municípios com valores acima de 100 - sub-regiões do Tâmega e Sousa, Cávado, Ave e Douro (região Norte), na Área Metropolitana de Lisboa e dois municípios do Alentejo e Centro (Benavente e Murtosa)

Índice de renovação da população em idade ativa, Portugal, NUTS III e município, 2016



Fonte: INE, I.P., Indicadores demográficos.

O número médio de filhos por mulher em idade fértil manteve-se abaixo do limiar que assegura a substituição das gerações em todas as regiões

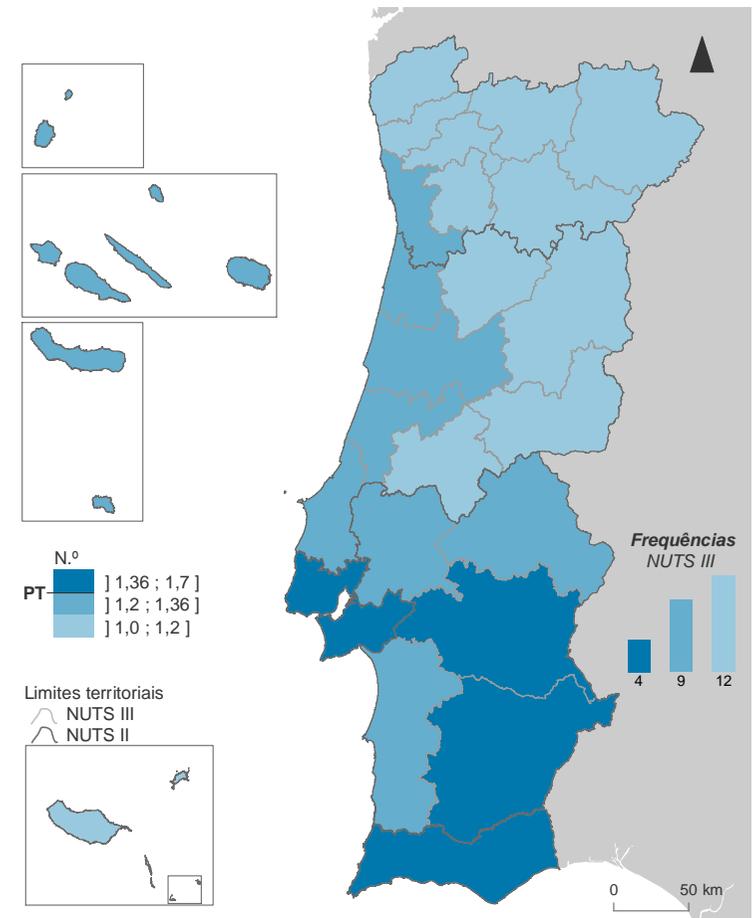
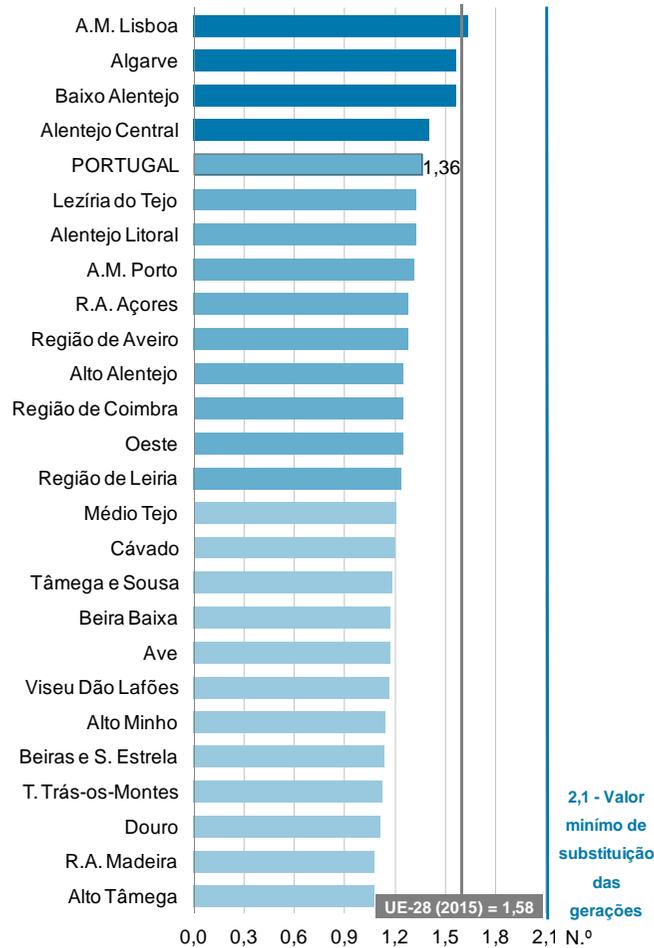


Em 2016, o índice sintético de fecundidade correspondia a 1,36 filhos por mulher em idade fértil

Índice sintético de fecundidade, Portugal e NUTS III, 2016

O índice sintético de fecundidade era mais baixo nas sub-regiões do Norte e do Interior Centro e na R.A. Madeira

A AML (1,63), Algarve, Baixo Alentejo (em ambas 1,56) e Alentejo Central registavam valores acima da média nacional



Fonte: INE, I.P., Indicadores demográficos. Eurostat.

Entre 2011 e 2016, a idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho aumentou em todas as regiões

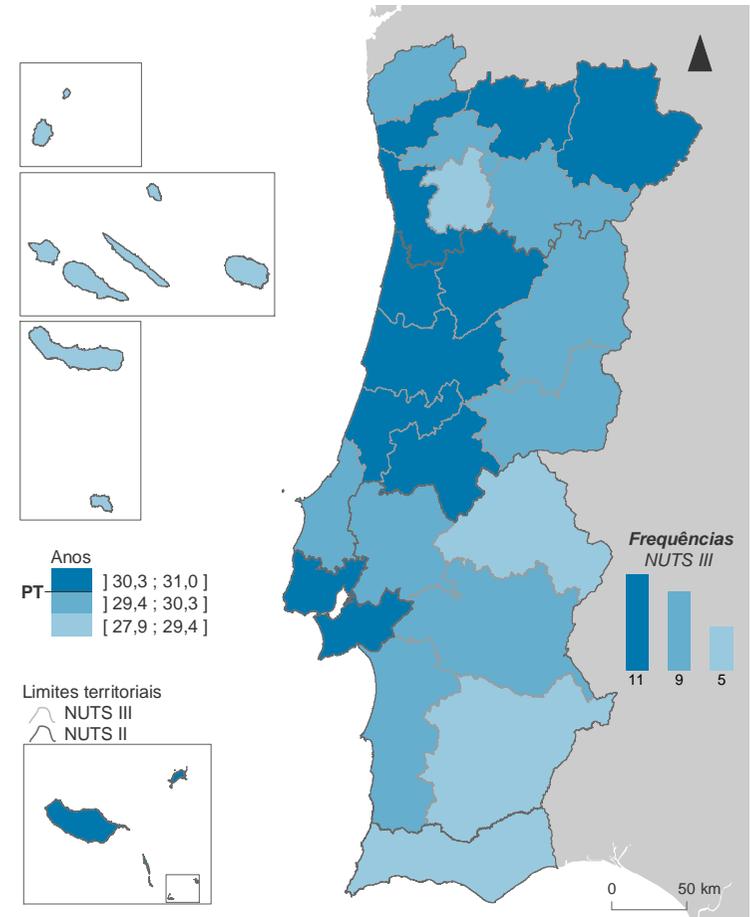
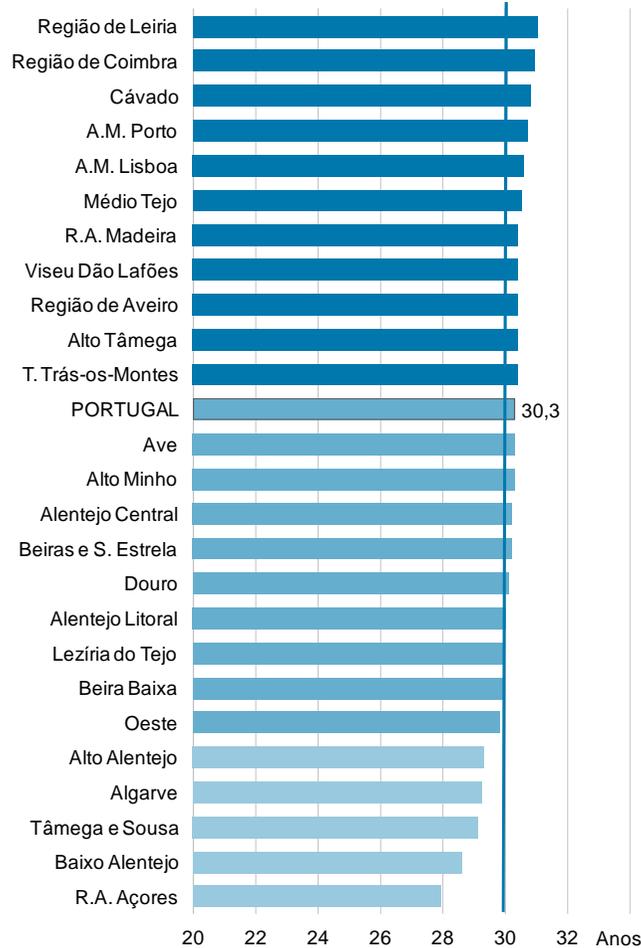


Em 2016, situava-se acima dos 30 anos de idade em 16 das 25 sub-regiões NUTS III

Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho, Portugal e NUTS III, 2016

O nascimento do primeiro filho acontecia mais tarde para as mães residentes em sub-regiões do Litoral Centro, nas áreas metropolitanas, no Cávado, Alto Tâmega, Terras de Trás-os-Montes e na R.A. Madeira

A R.A. Açores era região do país onde este evento acontece mais cedo (28 anos)

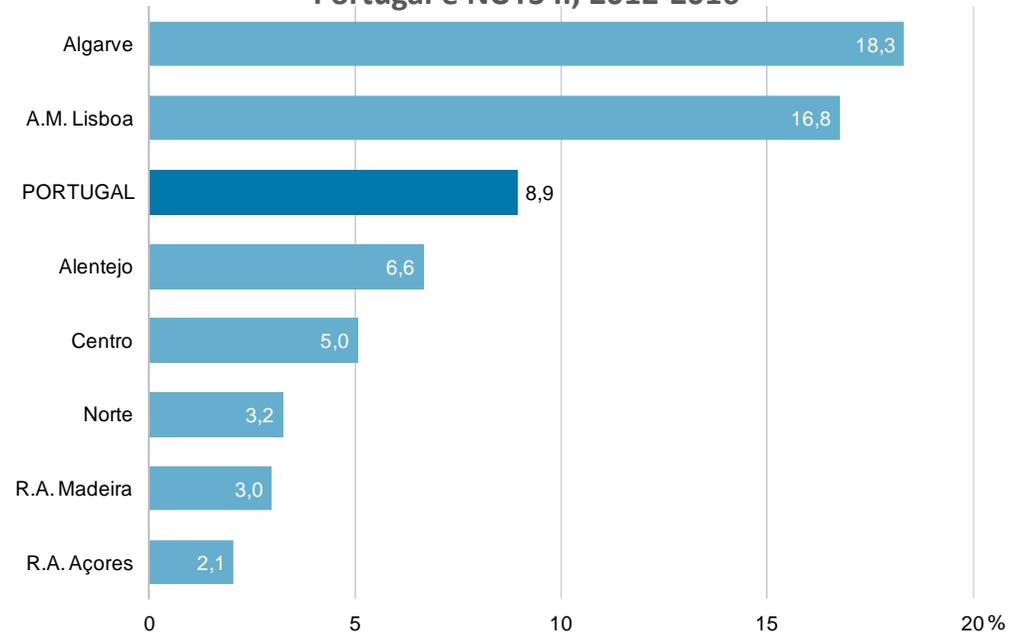


Fonte: INE, I.P., Indicadores demográficos.

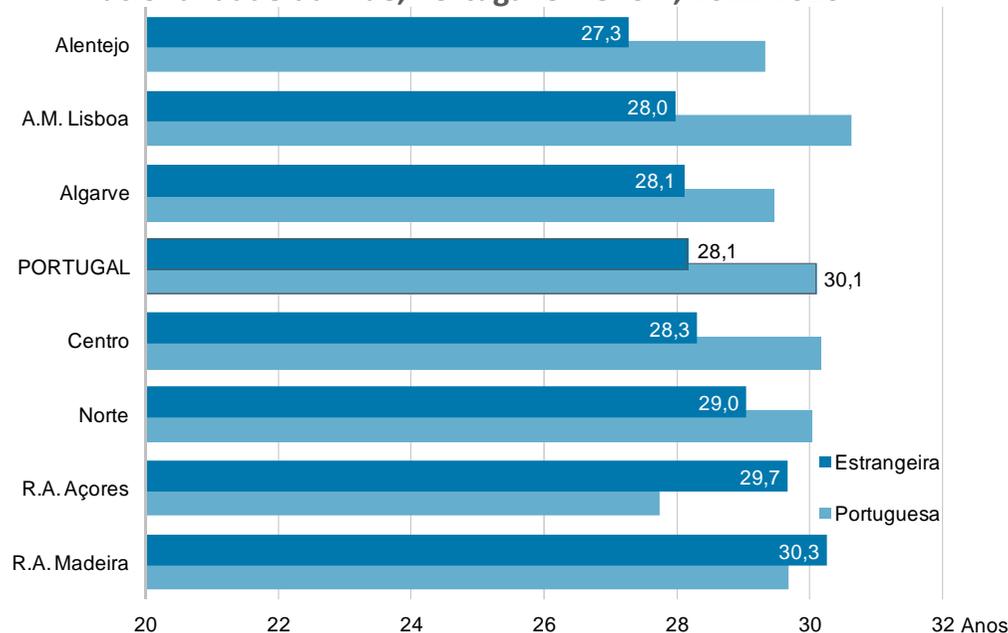
No período de 2012-2016, a proporção de nados-vivos de mães de nacionalidade estrangeira era superior a 16% no Algarve e na AML

As restantes regiões do país apresentavam valores inferiores à média nacional (8,9%), registando a R.A. Açores o valor mais baixo

Proporção de nados-vivos de mães de nacionalidade estrangeira, Portugal e NUTS II, 2012-2016



Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho segundo a nacionalidade da mãe, Portugal e NUTS II, 2012-2016



O nascimento do primeiro filho tende a acontecer, em média, mais cedo para as mães de nacionalidade estrangeira em todas as regiões do Continente

No período 2012-2016, aos 28,1 anos para as mães de nacionalidade estrangeira e aos 30,1 para as mães de nacionalidade portuguesa

Qualificação territorial

A diferenciação territorial do turismo

A diferenciação territorial do turismo

- **Turismo** → setor estratégico para Portugal pelo papel crucial na criação de emprego e riqueza e pela capacidade de desenvolver e diversificar as economias locais e regionais



A análise centra-se...

Nos processos de transformação do espaço edificado induzidos pelo turismo, nas dinâmicas recentes da oferta e na diferenciação da atratividade turística dos territórios

Principais fontes: Sistema de Informação de Operações Urbanísticas (SIOU), Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos (IPHH)

A dinâmica do espaço edificado para turismo

A edificação turística efetiva e potencial dos territórios

A reconstrução e requalificação do edificado para turismo

A perspetiva territorial da oferta turística

A distribuição e diversidade territoriais da oferta

A categorização e qualificação da oferta

O padrão territorial da procura turística

A intensidade e sazonalidade turísticas

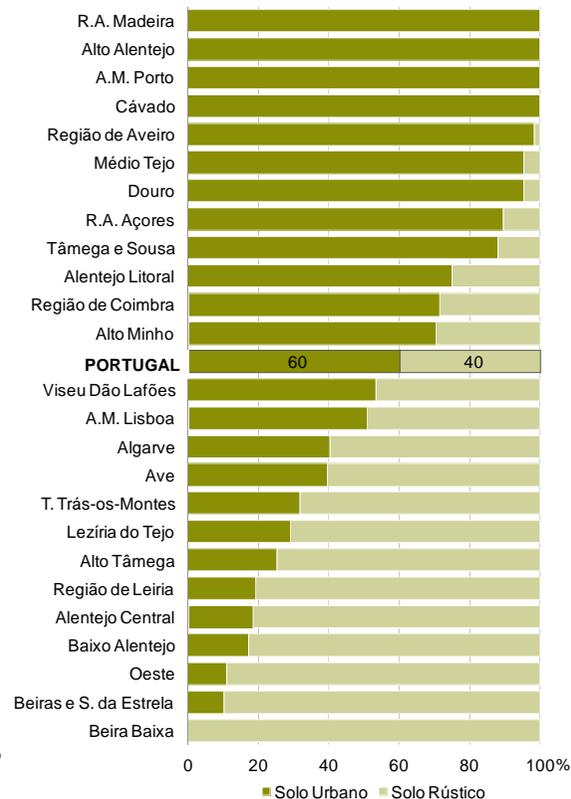
A proveniência da procura turística

Entre 2014 e 2016, a proporção da superfície de edificação licenciada para construções novas destinadas ao turismo em solo rústico aumentou de 35% para 43%, por oposição ao decréscimo verificado em solo urbano

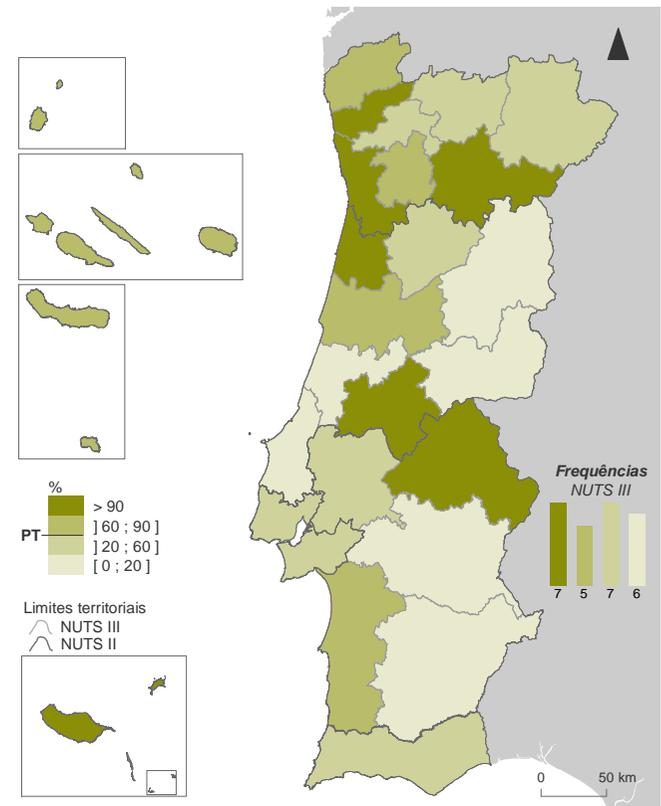
Verifica-se uma maior concentração da superfície licenciada destinada ao turismo em solo urbano (acima de 90%) na RA Madeira e em sub-regiões do Litoral norte do Continente mas também nas sub-regiões do Douro, Médio Tejo e Alto Alentejo

A superfície de licenciamento de construções novas destinadas ao turismo em solo rústico era mais relevante em algumas sub-regiões do Centro (Beiras e Serra da Estrela, Beira Baixa, Região de Leiria e Oeste) e ainda no Baixo Alentejo e no Alentejo Central

Distribuição da superfície de construção nova licenciada destinada ao turismo por tipo de solo (obras licenciadas), Portugal e NUTS III, 2014-2016



Proporção da superfície de construção nova destinada ao turismo em solo urbano (obras licenciadas), por NUTS III, 2014-2016



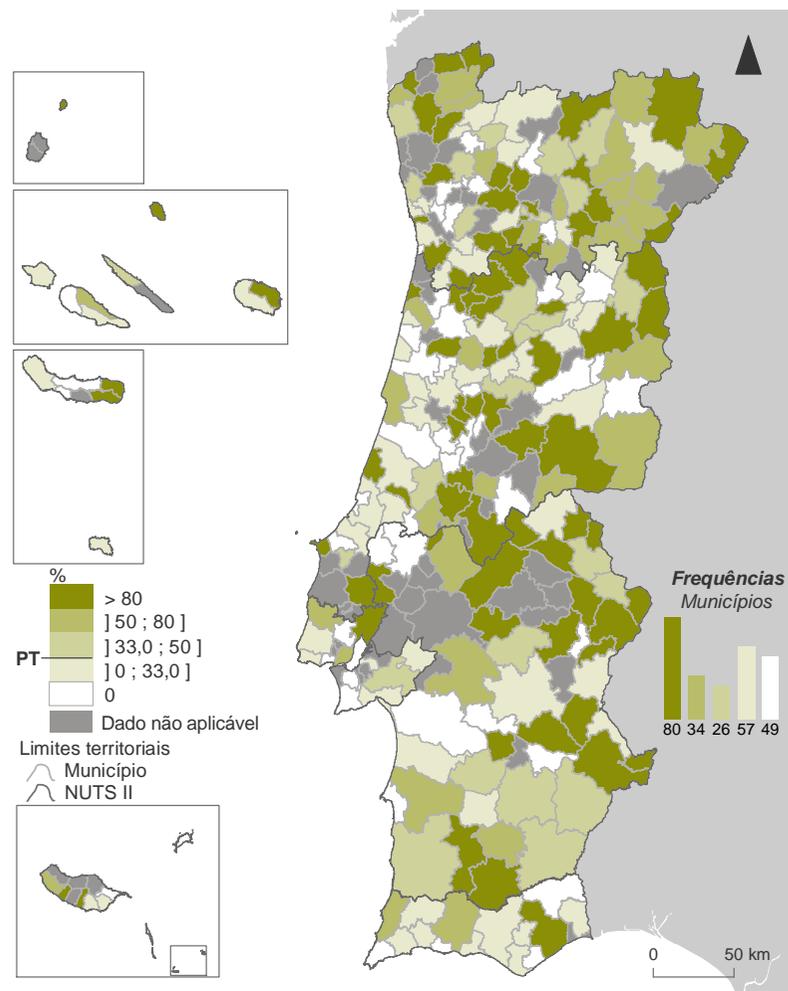
Fonte: INE, I.P., SIOU, Inquérito aos projetos de obras de edificação e de demolição de edifícios.

No período 2011-2016, em 114 municípios a proporção de superfície objeto de reabilitações físicas face ao total de superfície de obras no edificado destinado ao turismo foi superior a 50%

No conjunto do país, cerca de um terço da superfície do edificado destinada ao turismo correspondia a obras de reabilitação

Em 63 municípios, localizados maioritariamente nas regiões Centro (21) e Norte (19), o total de obras destinadas a fins turísticos correspondeu exclusivamente a obras de reabilitação

Proporção da superfície objeto de reabilitação física destinada ao turismo no total de superfície do edificado destinado ao turismo (obras concluídas) por município, 2011-2016



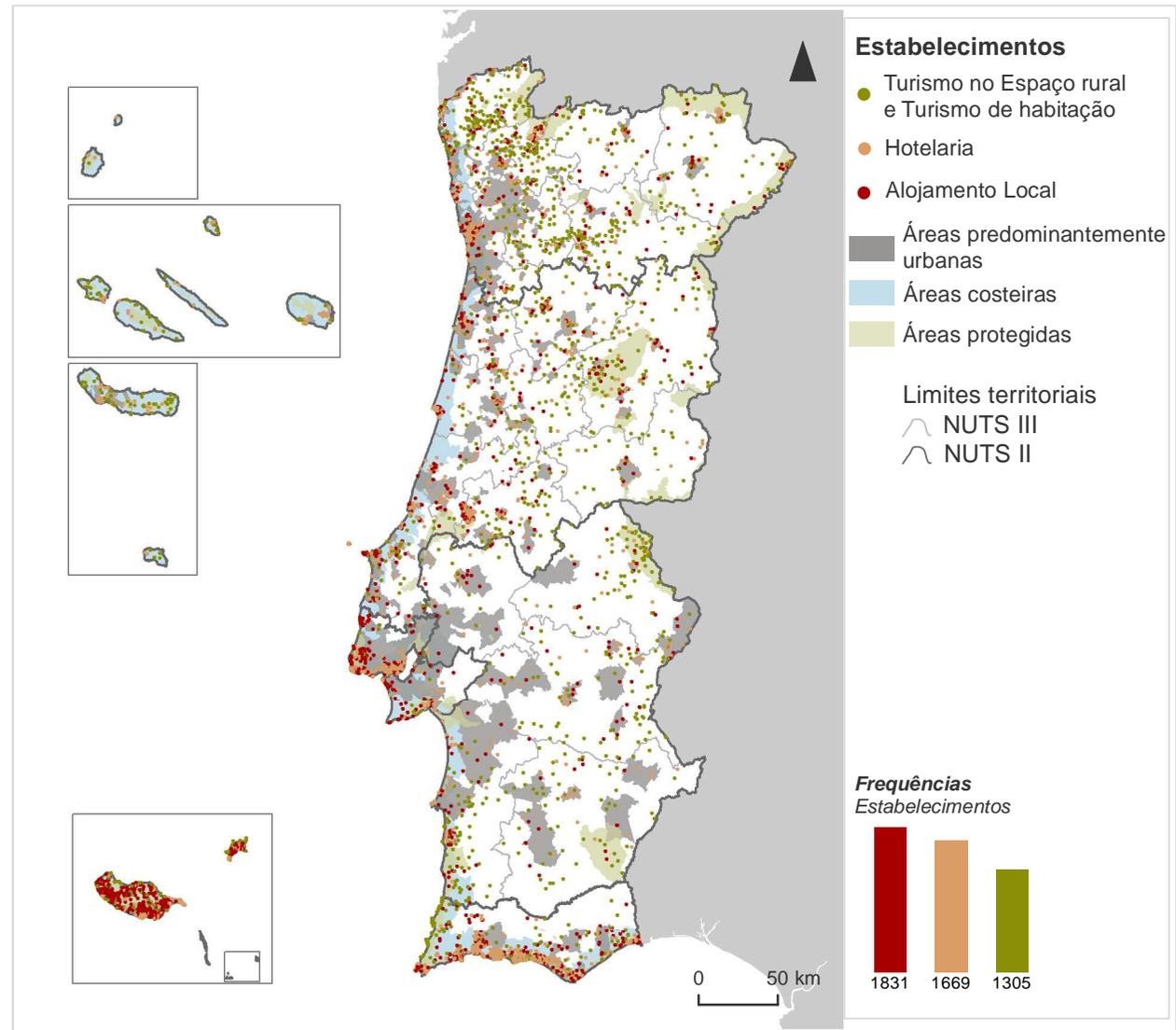
Fonte: INE, I.P., SIOU, Estatísticas das Obras Concluídas

Entre 2013 e 2016, o número de alojamentos turísticos aumentou no país (44%) e em todas as regiões NUTS II mas de forma mais expressiva na RA Madeira (+156%)

Em 2016, clara concentração de alojamentos turísticos em APU (28% do território e 60% dos estabelecimentos) mas também nas áreas costeiras (13% do território e 59% dos estabelecimentos).

A concentração de estabelecimentos hoteleiros é particularmente expressiva nos territórios urbanos (79%) e o alojamento local situa-se sobretudo nas áreas costeiras (75%)

Estabelecimentos de alojamento turístico por tipologia de estabelecimento e superfície ocupada por áreas predominantemente urbanas (segundo a Tipologia de áreas urbanas), áreas costeiras e áreas protegidas, Portugal, 2016

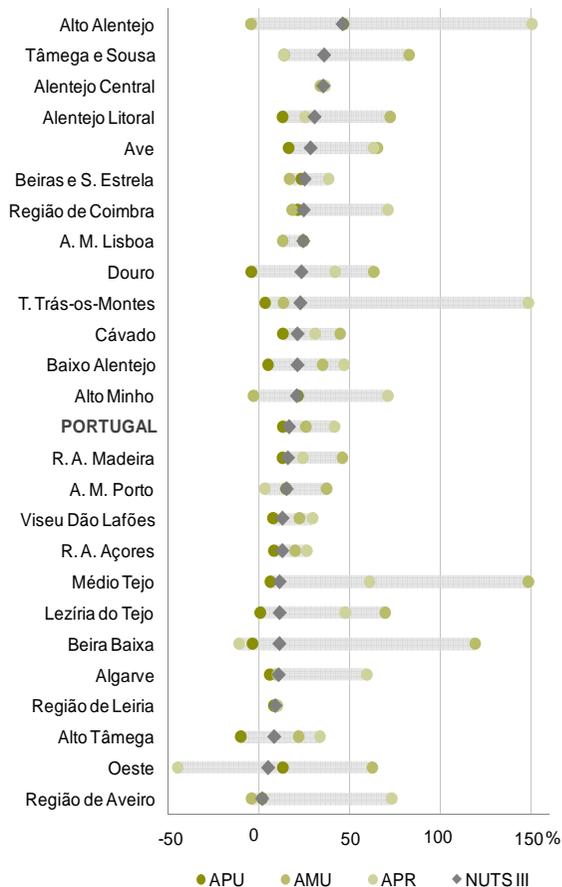


Fonte: INE, I.P., Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos. Eurostat - Tipologia de áreas costeiras. Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, I.P., Instituto das Florestas e Conservação da Natureza da Madeira, Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo dos Açores.

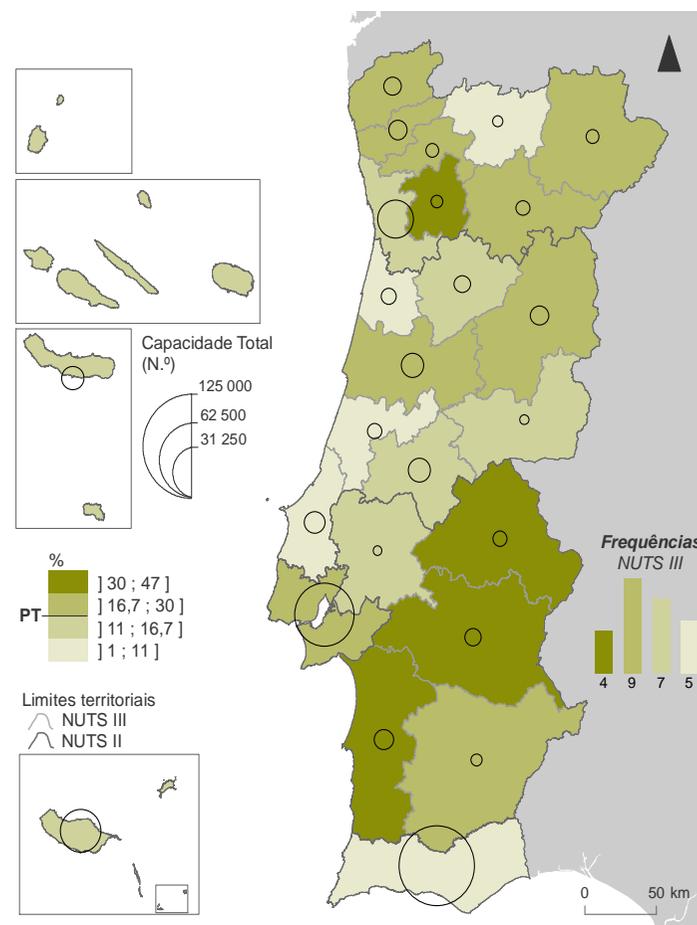
O ritmo de crescimento da capacidade de alojamento turístico em áreas predominantemente rurais foi cerca de três vezes superior ao verificado em áreas predominantemente urbanas

Taxa de variação da capacidade de alojamento turístico segundo a Tipologia de áreas urbanas e capacidade total de alojamento turístico, Portugal e NUTS III, 2013/2016

Tipologia de áreas urbanas



NUTS III

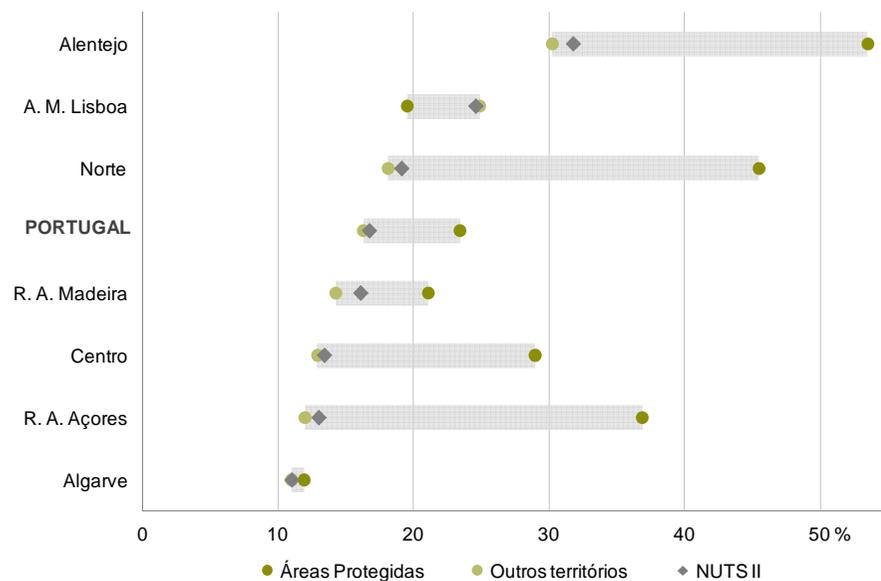


A sub-região Alto Alentejo assinalava os valores mais elevados neste indicador e também a maior assimetria entre territórios predominantemente urbanos e rurais

Fonte: INE, I.P., Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos.

Entre 2013 e 2016, a taxa de variação da capacidade de alojamento turístico revelou-se mais elevada nas áreas protegidas do que no restante território em Portugal e em todas as regiões NUTS II, com exceção da AML

Taxa de variação da capacidade de alojamento turístico, por áreas protegidas, por NUTS II, 2013/2016

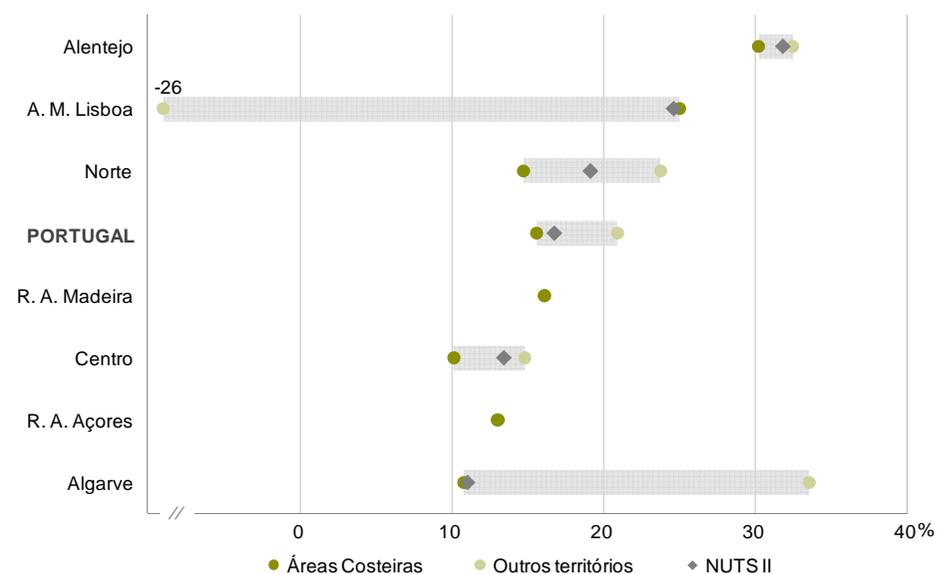


Os valores mais elevados para este indicador registaram-se nas regiões do Alentejo (54%) e Norte (45%), seguidos da R.A.A. (37%)

A taxa de variação da capacidade de alojamento turístico era mais baixa nas áreas costeiras, em todas as regiões, exceto na AML

Este comportamento verificou-se também para o total do país: a taxa de crescimento da capacidade de alojamento em áreas costeiras foi 15,6% e em áreas não costeiras 20,9%

Taxa de variação da capacidade de alojamento turístico, por áreas costeiras, por NUTS II, 2013/2016

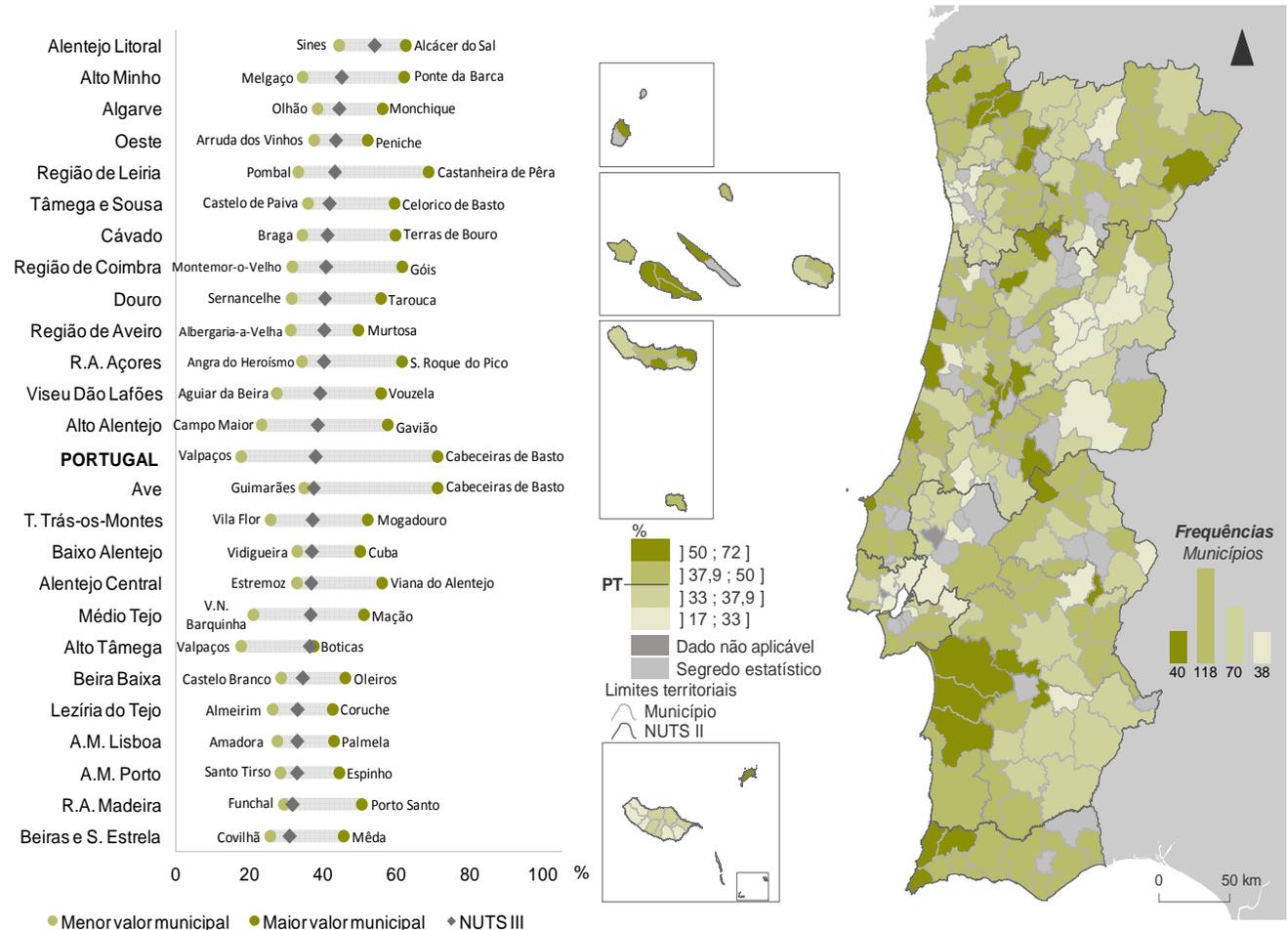


Em 40 municípios portugueses, mais de metade das dormidas de 2016 ocorreram entre julho e setembro

A sazonalidade foi mais acentuada no Litoral do Alentejo, na faixa ocidental do Litoral do Algarve e em algumas ilhas da RA Açores

Os municípios em que o efeito de sazonalidade nestes meses era menos intenso situavam-se no interior da região Centro, nas áreas metropolitanas do Porto e de Lisboa e também na RA Madeira

Proporção de dormidas entre julho-setembro por município, 2016

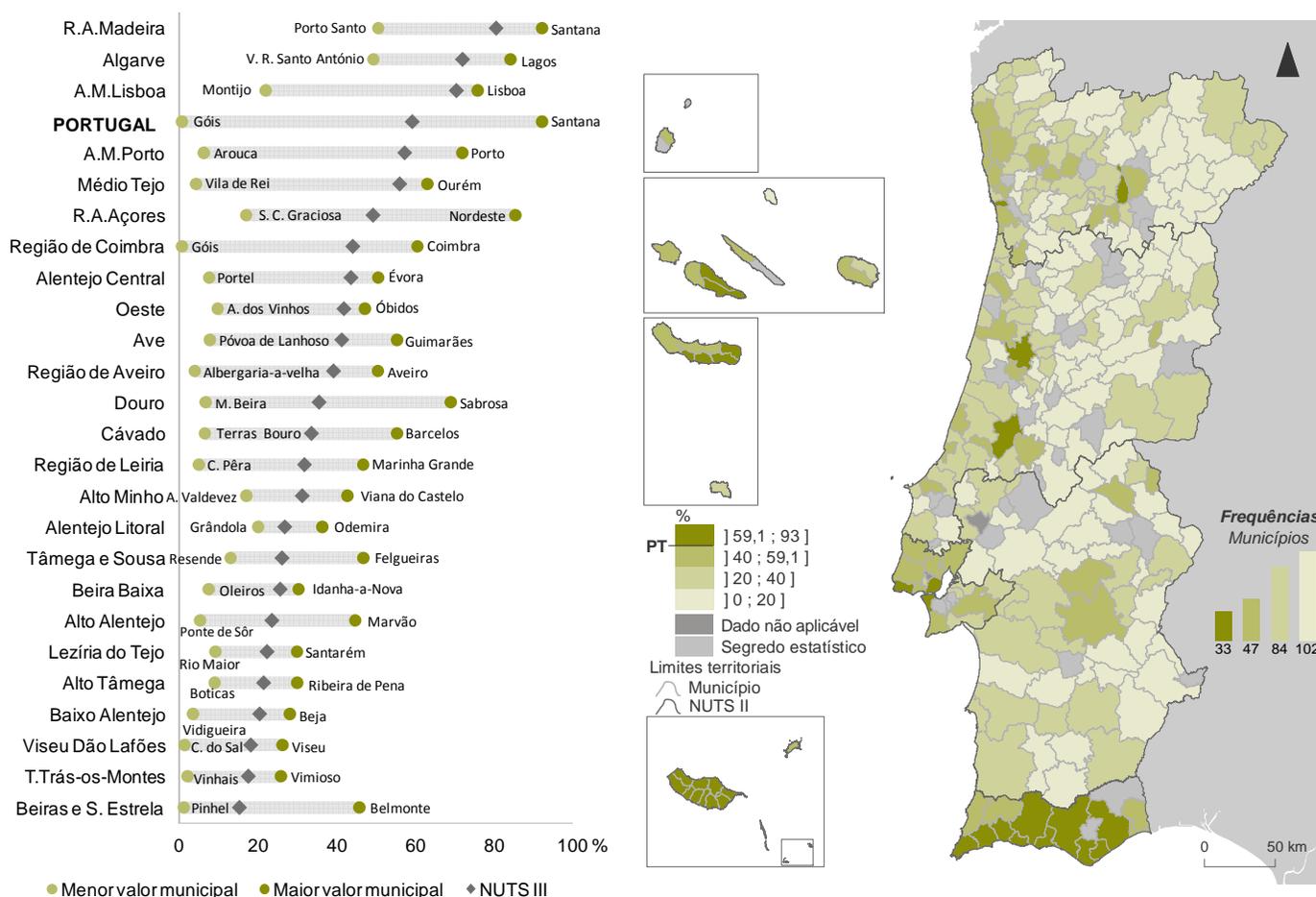


Fonte: INE, I.P., Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos.

Em 2016, o contributo dos hóspedes residentes no estrangeiro para a procura turística nacional foi superior à proporção registada a nível nacional em 33 municípios localizados sobretudo no Algarve e nas regiões autónomas

Em todos os municípios da RA Madeira e do Algarve (exceto Vila Real de Santo António) mais de metade dos hóspedes eram estrangeiros

Proporção de hóspedes estrangeiros nos estabelecimentos de alojamento turístico, Portugal, NUTS III e município, 2016



Fonte: INE, I.P., Inquérito à Permanência de Hóspedes na Hotelaria e Outros Alojamentos.

Crescimento e competitividade

A competitividade e a inovação nas regiões portuguesas

A competitividade e a inovação nas regiões portuguesas

- Após o período de exposição à crise económica e financeira e aos impactos das políticas restritivas aplicadas à economia nacional, alguns indicadores económicos e sociais têm apresentado, desde 2014, valores que apontam para uma inversão do ciclo recessivo.

A aposta no crescimento inteligente e no desenvolvimento de uma economia baseada no conhecimento e na inovação constituem orientações políticas a nível europeu → inovação enquanto fator crucial para o desenvolvimento económico.



As prioridades estratégicas nacionais de intervenção dos FEEI 2014-2020, nomeadamente no domínio da competitividade e internacionalização, assentam no reforço da investigação, do desenvolvimento tecnológico e da inovação.

A análise centra-se...

No quadro diferenciado do desempenho económico recente das regiões portuguesas e nas condições para a inovação, caracterizando o tecido empresarial de base tecnológica, bem como a orientação para o mercado externo, assinalando aspetos específicos de inovação nas regiões e as suas aplicações.

Principais fontes: Contas Regionais, Sistema de Contas Integradas das Empresas (SCIE), Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional e o Inquérito Comunitário à Inovação.

O desempenho económico das regiões portuguesas e as condições para a inovação

Desempenho económico

As condições para a inovação

O conteúdo tecnológico das regiões e a dinâmica das empresas de base tecnológica

Caracterização e desempenho do tecido empresarial tecnológico

A importância do mercado externo nas empresas de base tecnológica

A inovação nas regiões portuguesas

A inovação empresarial nas regiões

As aplicações do processo de inovação

Em 2015, a Área Metropolitana de Lisboa, o Alentejo Litoral, o Algarve e a Região de Leiria eram as únicas sub-regiões a superarem o valor médio nacional do PIB per capita

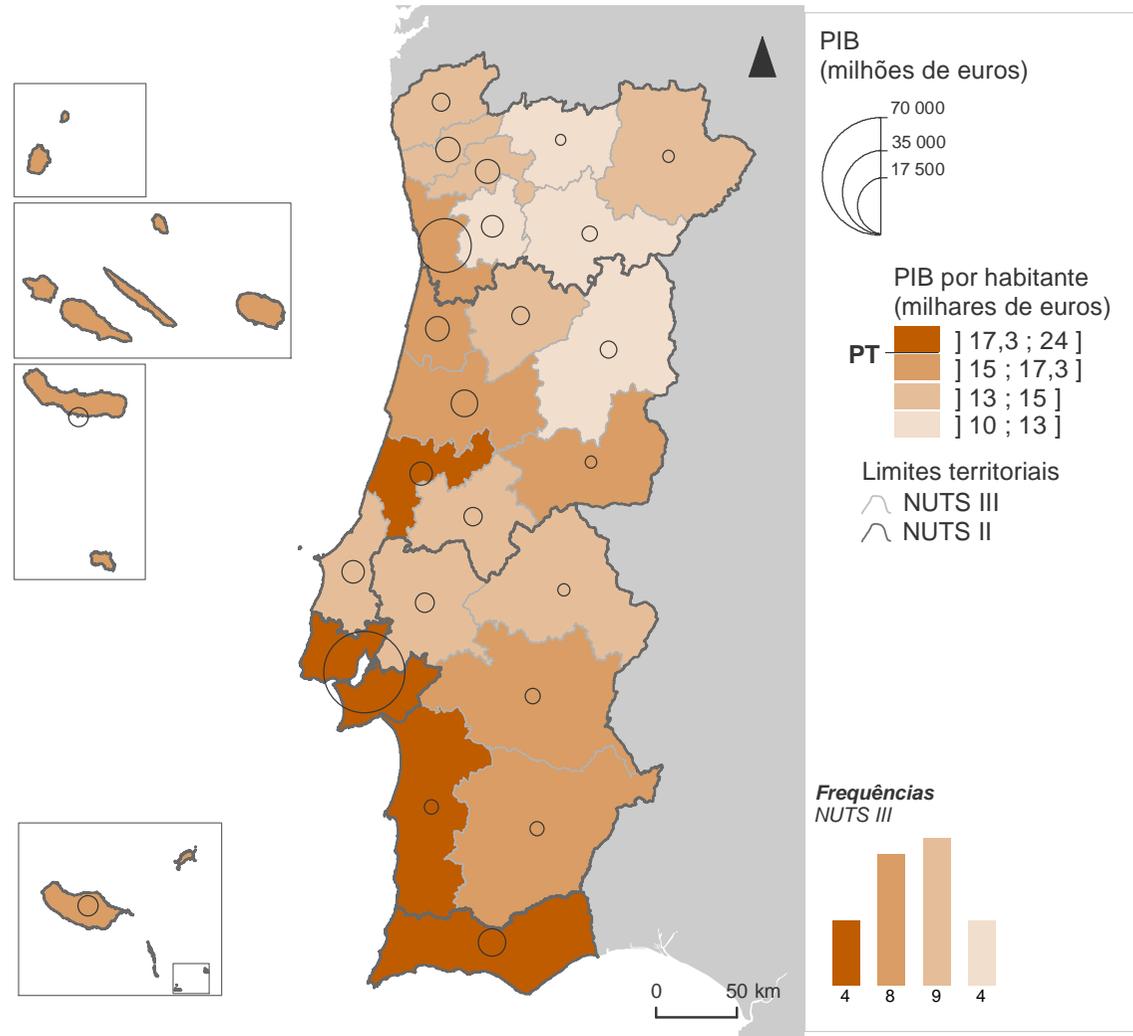
Os valores mais baixos do PIB por habitante registaram-se no contínuo de regiões NUTS III: Alto Tâmega, Tâmega e Sousa, Douro e Serra da Estrela

AML e AMP juntas foram responsáveis por mais de metade (52%) do valor do PIB em Portugal



Fortes assimetrias na produção de riqueza regional

PIB por habitante e PIB por NUTS III, 2015Pe



No país e em todas as regiões NUTS II com exceção do Algarve, o crescimento médio anual real do PIB foi positivo nos períodos 2000-2005 e 2005-2010 e negativo no quinquénio 2010-2015

As disparidades nos ritmos de crescimento médio foram mais expressivas no Alentejo Litoral, na RA Madeira, em Terras de Trás-os-Montes, na RA Açores e no Alto Tâmega



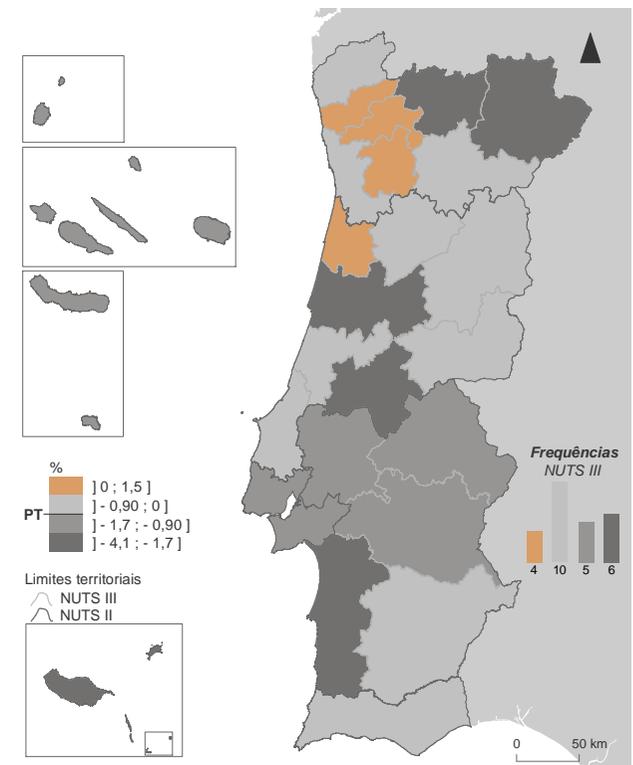
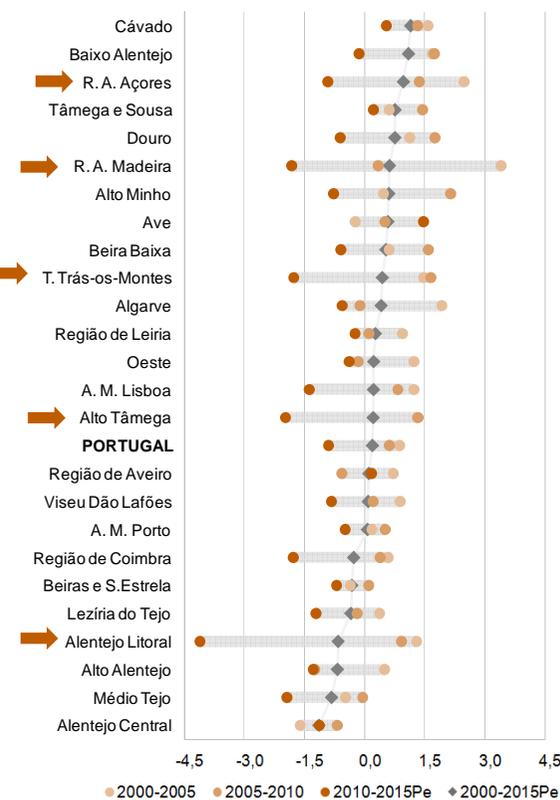
maiores crescimentos médios no período 2000-2005 e diminuições reais do PIB mais significativas em 2010-2015

Entre 2010 e 2015, apenas quatro das 25 sub-regiões registaram um crescimento real positivo do PIB: Região de Aveiro, Ave, Cávado e Tâmega e Sousa

Taxa de crescimento real anual médio do PIB, Portugal e NUTS III

2000-2005, 2005-2010, 2010-2015Pe e 2000-2015Pe

2010-2015Pe



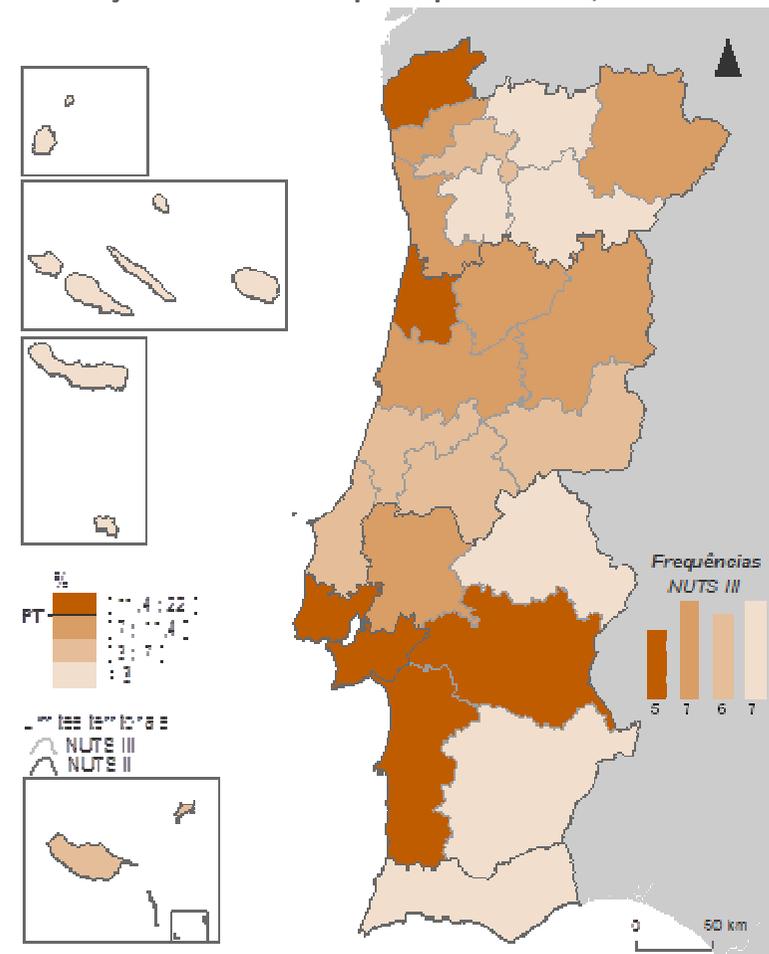
Fonte: INE, I.P., Contas Regionais (Base 2011). Pe: Dados preliminares.

A Área Metropolitana de Lisboa foi a única região NUTS II onde a proporção de empresas, de pessoal ao serviço e de VAB em setores de alta e média-alta tecnologia era superior à média nacional no triénio 2013-2015

Ao nível das NUTS III, a AML, a Região de Aveiro e as sub-regiões do Alto Minho, Alentejo Litoral e Alentejo Central registaram uma proporção de VAB gerado pelas empresas de base tecnológica superior à média nacional

Sub-regiões que apresentaram valores mais baixos neste indicador, inferior a 3%: Algarve, RA Açores, Baixo Alentejo, Alto Tâmega, Douro e Tâmega e Sousa

Proporção do valor acrescentado bruto das empresas em setores de alta e média-alta tecnologia, segundo a localização da sede da empresa por NUTS III, 2013-2015

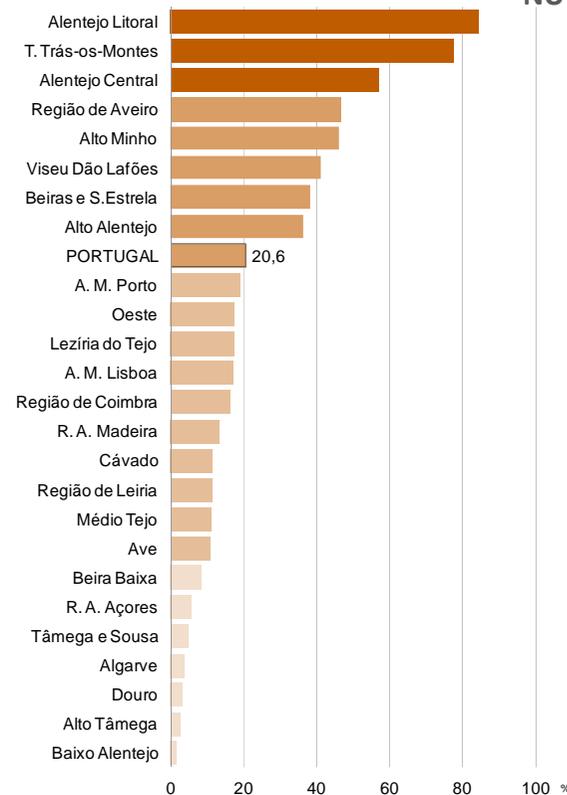


No triénio 2013-2015, nas sub-regiões do Alentejo Litoral, Alentejo Central e Terras de Trás-os-Montes mais de metade das vendas e prestações de serviço para o mercado externo eram realizadas pelas sociedades em setores de alta e média-alta tecnologia

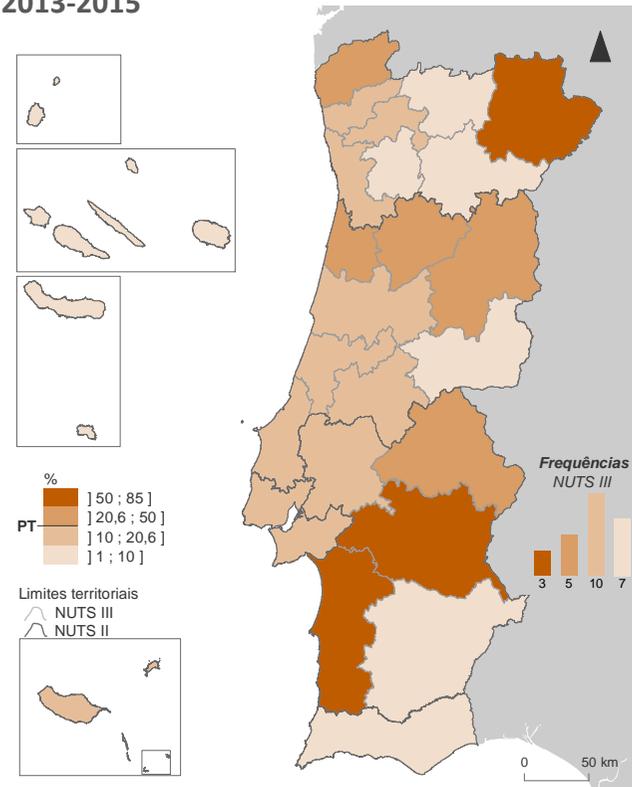
O contributo das vendas e prestações de serviço ao exterior das sociedades dos setores de cariz tecnológico foi de 20,6% para o total de volume de negócios das sociedades

Proporção de vendas e prestações de serviços para o mercado externo das sociedades em setores de alta e média-alta tecnologia nas vendas e prestações de serviços para o mercado externo do total das sociedades, segundo a localização da sede da sociedade, Portugal e NUTS III, 2013-2015

Salientam-se também as sub-regiões do Alto Alentejo, Alto Minho e as sub-regiões contíguas do Centro: Região de Aveiro, Viseu e Dão-Lafões e Beiras e Serra da Estrela, com valores acima da média neste indicador



NUTS III, 2013-2015



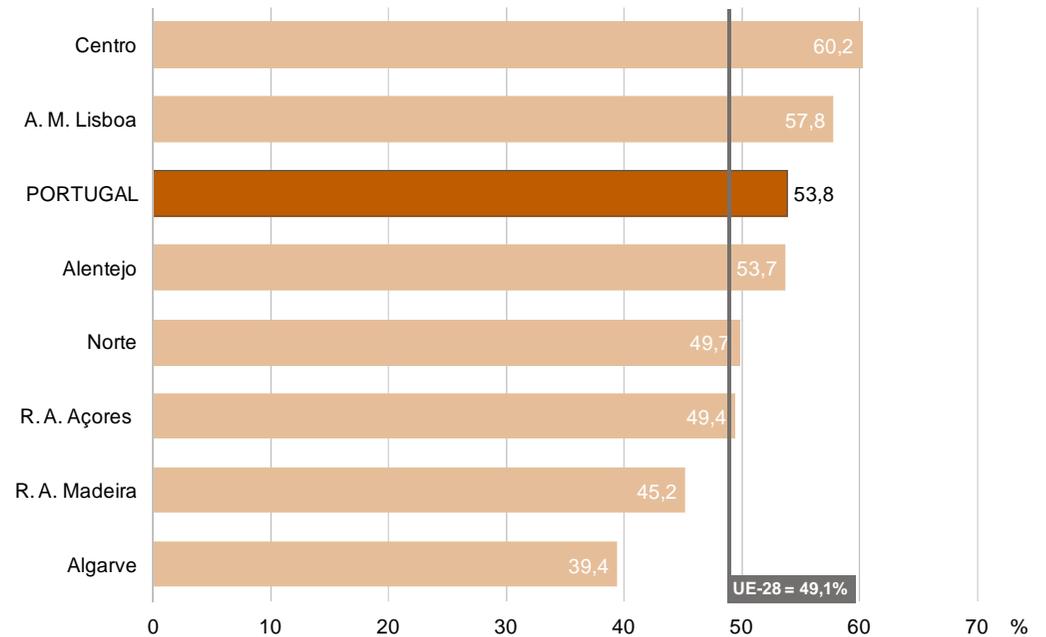
No período 2012-2014, em 3 das 7 regiões NUTS II, mais de metade das empresas desenvolvia atividades de inovação, proporção superior à média da UE-28



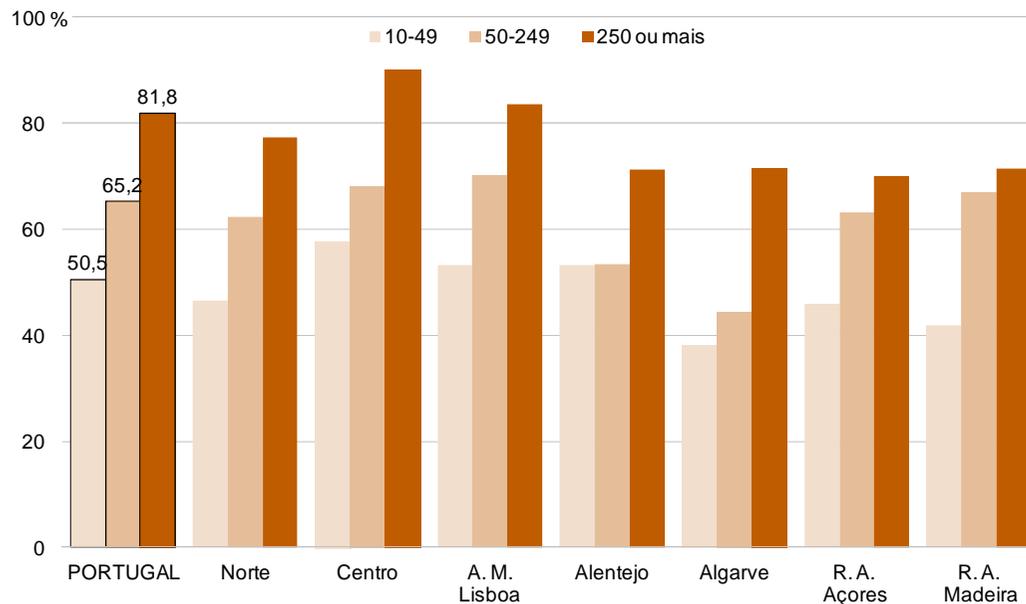
A proporção de empresas com atividades de inovação era mais elevada na região Centro e AML, superando o valor médio nacional

As regiões do Centro, AML, Alentejo, Norte e RAA destacavam-se por superaram a referência europeia

Proporção de empresas com atividades de inovação, Portugal e NUTS II, 2012-2014



Proporção de empresas com atividades de inovação por escalão de pessoal ao serviço, Portugal e NUTS II, 2012-2014



Considerando a dimensão da empresa, verificava-se que em Portugal e em todas as regiões NUTS II do país, as grandes empresas apresentavam uma maior propensão para realizar atividades de inovação

Na região Centro e AML a proporção de empresas inovadoras era superior à média nacional nos três escalões de dimensão considerados

RETRATO TERRITORIAL DE PORTUGAL

2018 | Início dos trabalhos de preparação da 6ª edição com a identificação e problematização das temáticas a analisar → 4º trimestre

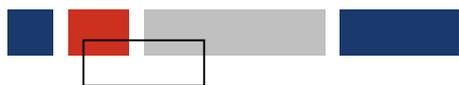
2019 | Publicação da 6ª edição programada para o 3º trimestre



INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA
STATISTICS PORTUGAL

RETRATO TERRITORIAL DE PORTUGAL

- EDIÇÃO 2017 -



Reunião conjunta SPEBT e SPEE - CSE

11 dezembro 2017